



Acesse a versão online e consulte o Guia de Colégios 2024, com informações detalhadas sobre dezenas de milhares de escolas de todo o País

ESTADÃO 

Guia de Colégios

29 DE SETEMBRO DE 2024

Bullying
Escolas mostram que inclusão é possível
Págs. 10 e 11

Inteligência artificial
O impacto do uso no processo de aprendizagem
Pág. 4

Ensino médio
Jovens que ingressam em 2025 enfrentam novas mudanças
Pág. 6

Cibele Barreto



A nutricionista Marcela Garcez deu prioridade ao projeto pedagógico na escolha da escola da filha, Alice, de 6 anos

Para cada fase, uma escolha

Projeto pedagógico, rotina, currículo e segurança são aspectos fundamentais a ser avaliados na hora de selecionar a escola ideal para o desenvolvimento do seu filho Pág. 2

Realização:

Parceria:



Por Patrícia Giuffrida

O momento de escolher a escola do filho é marcante para a maioria dos pais. Quando a criança é pequena, geralmente a decisão é dos cuidadores, de olho no que melhor combina com o estilo e as aspirações da família. Quando começou a procurar uma instituição para matricular a filha, Alice, de 6 anos, a nutricionista Marcela Riccioppo Garcez Molina levou em conta o projeto pedagógico, que é a forma como a instituição de ensino enxerga a educação, o que espera de seus alunos e quais os caminhos irá percorrer para que esse aprendizado seja alcançado. “Acreditamos que uma base concisa de educação nessa idade traz um futuro com mais oportunidades e possibilidade de escolhas”, conta. A menina está matriculada no 1º ano do ensino fundamental do Colégio Visconde de Porto Seguro, de São Paulo.

Além disso, Marcela se dedicou para que a adaptação da filha ao ensino fundamental 1 fosse feita de forma cuidadosa. “Foi uma transição bem tranquila. A escola fez uma integração antes do período letivo, proporcionando uma ambientação de todo o local e das novas pessoas”, completa.

Pais em busca de informações detalhadas podem consultar o **Guia de Colégios 2024**, feito em parceria com a edtech Melhor Escola. A ferramenta, baseada no Censo da Educação Básica 2023, facilita a avaliação de opções, considerando dados gerais e sobre infraestrutura de escolas de todo o País. A seguir, confira os melhores critérios para selecionar uma instituição de ensino de acordo com cada segmento escolar.

Educação infantil: socialização e acolhimento

“As famílias devem buscar instituições de ensino que proponham experiências que respeitem as múltiplas linguagens da criança, promovendo aprendizagem ativa e participativa, em ambiente acolhedor e de socialização. Também que valorize o brincar como um direito essencial, para garantir que elas possam ter um desenvolvimento pleno, emocional e cognitivo”, diz Ana Paula Azevedo, coordenadora de Projetos do Colégio Rio Branco, de São Paulo.

Infraestrutura e segurança também devem entrar nessa equação. Os espaços precisam ser adequados aos pequenos. “O que importa é como eles são utilizados no cotidiano das crianças”, alerta Ana Paula.

Como escolher a escola ideal para seu filho

Projeto pedagógico, currículo, rotina escolar, infraestrutura e segurança são alguns aspectos a ser levados em conta



Marcela Garcez escolheu a escola da filha, Alice, de 6 anos, com foco no projeto pedagógico da instituição

Ensino fundamental: desenvolvimento de habilidades

Nessa fase, é importante dar maior peso ao projeto

pedagógico. Além disso, as famílias devem prestar atenção no material didático utilizado, no currículo (se é regular ou integral) e no processo de

avaliação, segundo Angela de Cillo Martins, diretora pedagógica do Colégio Dante Alighieri, de São Paulo.

Nos anos iniciais do ensi-

no fundamental, que vão do 1º ao 5º ano, os alunos precisam desenvolver habilidades básicas, como pensamento crítico, criatividade, resolução de problemas, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). É necessário que tudo isso esteja previsto na proposta pedagógica do colégio. “É importante que as famílias verifiquem se a escola tem práticas que incentivam o hábito da leitura, como projetos literários e bibliotecas acessíveis”, explica a diretora do Dante Alighieri, que também considera essencial observar como a escola se comunica com a família e de que forma compartilha a evolução de aprendizagem dos alunos.

Já nos anos finais do ensino fundamental, que compreende o 6º, 7º, 8º e 9º ano, é importante que a escola ofereça um currículo que incentive a autonomia, o pensamento crítico, a pesquisa, o desenvolvimento de projetos e o uso de tecnologias e ferramentas digitais. Outro ponto importante é a formação acadêmica, que deve estar alinhada ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais. “Nessa fase, os estudantes estão no processo de transição da infância para a adolescência, momento marcado por transformações biológicas, emocionais e sociais.”

Ensino médio: preparação para o futuro

Nessa etapa, as famílias devem observar se a escola trabalha com Projeto de Vida (*leia a reportagem acessando o QR code*) e orientação vocacional. O currículo deve ser robusto e focado nas escolhas de carreira do aluno, com preparação para vestibulares e exames como o Enem. “Atividades extracurriculares, como esportes, artes e tecnologia, também são importantes, pois ajudam a desenvolver habilidades além do currículo tradicional”, afirma Marco Antonio Xavier, diretor do colégio Anglo Leonardo da Vinci, de São Paulo.

“Também é muito importante incluir a opinião do aluno no processo de decisão da escolha da escola. Levar em consideração suas preferências e sentimentos pode impactar diretamente no seu bem-estar e na adaptação”, conclui o educador.



Acesse a versão online e consulte o **Guia de Colégios 2024**, com informações detalhadas sobre dezenas de milhares de escolas de todo o País

Quer uma escola conectada com o mundo do trabalho, para experimentar novas possibilidades e ser quem você quiser?

QUER SABER?
SENAC!

**ENSI
NO
MÉ
DIO
TÉC
NICO**



sp.senac.br/ensino-medio-tecnico



IA: impactos e desafios na escola

O uso de inteligência artificial nas escolas está transformando o modo como alunos e professores interagem com o conhecimento. Mas há desafios relacionados à confiabilidade de informações e à ética no uso dessas ferramentas tecnológicas

Por Mathias Sallit

A inteligência artificial (IA) generativa se espalhou pelo mundo com a popularização do ChatGPT, ampliando as discussões sobre o tema não apenas no ambiente corporativo, mas também no escolar. Embora haja muito mais perguntas sobre o assunto do que respostas definitivas, sobre um ponto não há dúvidas: a inteligência artificial veio para ficar e seu uso precisa ser debatido de forma madura pela comunidade acadêmica – e entre esse público, a recepção tem sido positiva. Segundo a pesquisa Perfil e Desafios dos Professores da Educação Básica no Brasil, divulgada em maio pelo Instituto Semesp (entidade que representa mantenedoras de ensino superior do Brasil), 75% dos docentes acreditam que a tecnologia e a IA são aliadas no processo de aprendizagem nas escolas.

Para educadores, as ferramentas de IA facilitam tarefas como organizar cronogramas do semestre, formatar apresentações de aulas e personalizar conteúdos. Elvis Caio de Macedo Lira, professor no Colégio Marista São Luís, no Recife, dá vários exemplos de uso, como gerar exercícios personalizados e fornecer feedbacks em matemática, auxiliar na tradução e na prática da conversação em linguagem e simular experimentos e analisar dados em ciências da natureza.

Já dentro da sala de aula e nas tarefas de casa, os alunos têm usado essas ferramentas para pesquisar, resolver problemas matemáticos, criar apresentações, revisar textos e até receber feedback sobre trabalhos. Bruno Guanaes Mineiro Rehem, aluno do 1º ano do ensino médio do Colégio Marista Patamares, de Salvador, conta que o uso de IA transformou sua forma de estudar: “A IA me explica os assuntos de forma mais simples, mas erros de conteúdo ou na interpretação dos comandos acontecem”, alerta.

Desafios

A percepção sobre a falta de confiabilidade de conteúdos produzidos pela IA é um dos muitos pontos de preocupação não só entre os usuários, mas também de especialistas. Os algoritmos de machine learning das IAs coletam e analisam um grande volume de dados disponíveis e, mes-



75% dos professores acreditam que a IA e a tecnologia são aliadas no processo de aprendizagem

mo o processo estando cada vez mais sofisticado, continuando apenas uma máquina que nem sempre leva em consideração o contexto, podendo reforçar preconceitos e desigualdades, com pouca diversidade de fontes e apresentando até erros de informação.

Não menos preocupante é a facilidade de utilização da inteligência artificial para potencializar ações de cyberbullying dentro das escolas – com criações de imagens e vídeos que amplificam a violência que ocorre em alguns ambientes educacionais. “Por isso é fundamental que os estudantes sejam educados a usar (a IA) eticamente, compreendendo os fundamentos dessa tecnologia”, diz Ivan Siqueira, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e relator da BNCC Computação, documento que complementa a Base Nacional Comum Cur-

ricular (BNCC), com um olhar específico sobre as ferramentas tecnológicas.

Uma outra crítica é o eventual desestímulo que pode oferecer aos estudantes no desenvolvimento do próprio conhecimento. “Aprender requer esforços continuados, oportunidades, currículo adequado e atmosfera de acolhimento. O excesso de respostas fáceis pode reduzir o impulso no engajamento pela descoberta, vital para a criatividade e a aprendizagem”, complementa Siqueira, da UFBA.

Na prática

Uma boa maneira de as escolas enfrentarem esses desafios é estabelecer diretrizes claras sobre o seu uso, envolvendo na sua implementação professores, alunos e suas famílias. No Dante Alighieri, por exemplo, uma disciplina dedicada ao tema faz parte do

currículo dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II até o ensino médio, explicando as lógicas por trás dos algoritmos e a melhor forma de produzir os prompts, ou comandos.

Ainda no Dante Alighieri, os professores têm usado a tecnologia como recurso didático em várias atividades, como pedir análises críticas dos alunos após eles produzirem textos, imagens e vídeos com a IA. E os pais são convidados para palestras sobre o assunto. “Mas, apesar da introdução dessas novas tecnologias nas escolas, o papel do professor ainda é central”, garante Verônica Cannatá, coordenadora de Tecnologia Educacional do colégio. Ela lembra que é o professor quem conhece os alunos, estabelece vínculos e compreende suas questões socioemocionais, não a inteligência artificial.

Na rede pública

Apesar de o processo ser lento e gerar críticas e desconfortos, é importante que a discussão sobre tecnologia na rede pública também avance, para evitar a perpetuação de desigualdades, diz Ivan Siqueira, professor da UFBA.

Adriana Martinelli, diretora de Conteúdo da feira de tecnologia educacional Bett Brasil e consultora de inovação na educação, concorda com a importância do uso da tecnologia e lembra que deve ser atrelado a uma preparação contínua dos professores: “É importante oferecer espaços de experimentação e treinamentos que abordem não apenas o uso técnico, mas, principalmente, estratégias pedagógicas e didáticas”.

Adobe Photos

Escola e família se aproximam para lidar com temas complexos

Escuta e troca de experiências marcam projeto do Colégio Rio Branco, que trata com as famílias de atualidades como saúde mental, bullying e conflitos



Divulgação/Rio Branco

No Colégio Rio Branco, escuta atenta das demandas das famílias reflete no bem-estar dos alunos

A sala de aula também é lugar para pais e mães. É nela que os responsáveis pelos alunos do Colégio Rio Branco se reúnem em torno de temas complexos relacionados à educação, como saúde mental, bullying, sexualidade, etc. Os chamados Encontros com a Direção são feitos mensalmente nas duas unidades da instituição, no bairro de Higienópolis, na região central de São Paulo, e na Granja Viana, bairro do município de Cotia, na Grande São Paulo.

No ambiente escolar, responsáveis por estudantes da educação infantil ao ensino médio se encontram para debater assuntos recorrentes, polêmicos e atuais. A porta fica aberta aos que podem comparecer de forma presencial na reunião que dura até duas horas e tem um tema a ser discutido, que é definido com antecedência.

A ideia de criar o grupo surgiu há 12 anos, após uma conversa entre a diretora-geral do Colégio Rio Branco, Esther Carvalho, e a mãe de um aluno. “Os pais enxergam os filhos mais frágeis do que eles realmente são e isso gera angústia. Esse sofrimento é genuíno e passei a me perguntar: ‘Como podemos ajudar?’”, lembra Esther, ao citar que essa nova forma de interlocução evoluiu com o passar do tempo.

“No início, a principal dúvida

“
No início, a principal dúvida dos pais era como a escola iria resolver determinada questão. No decorrer das reuniões, a pergunta mudou para o que ‘nós’ podemos fazer”

Esther Carvalho

dos pais era como a escola iria resolver determinada questão. No decorrer das reuniões, a pergunta mudou para ‘o que nós podemos fazer?’. Explico que a família e a escola têm papéis complementares e insubstituíveis. O primeiro forma o indivíduo, e o segundo, o cidadão. O trabalho conjunto entre família e instituição é o caminho para educar melhor”, explica.

Sinal de alerta

O prejuízo do uso excessivo de celular no desempenho escolar está entre os assuntos tratados no projeto. Dados comprovam a preocupação, que é mundial. Oito em cada 10 alunos brasileiros de 15 anos disseram se distrair com o uso de aparelhos digitais nas aulas – média superior à de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de seis estudantes a cada 10, segundo o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) de 2022.

O impacto da vida digital no foco, privação do sono, entre outros aspectos, passou a ser examinado em maio deste ano. Num primeiro momento, os pais eram unânimes: a escola deveria proibir o uso dos celulares. Porém, Esther disse que a conversa avançou e chegou ao controle parental, no qual o gerenciamento dos dispositivos (em tempo e conteúdo) também precisa do olhar atento dos adultos fora da escola.

“O aluno fica seis horas na escola, mas como está o uso de telas nas outras 18 horas? Estamos trabalhando o tema. Vamos restringir mais o uso de aparelhos digitais e já temos nos intervalos momentos de desconexão com atividades como música e esportes. Propomos alguns dias sem celular na esco-

la, e esse trabalho continua em casa”, afirma a diretora.

Troca de experiências

As reuniões recebem cerca de 60 pais e mães com filhos em diferentes faixas etárias e muitas vezes palestrantes externos são convidados. O grupo compartilha experiências, fortalecendo a confiança na escola ao abordar desafios como bullying e conflitos, por exemplo. A reunião mais recente com esse tema pontuou a existência de três elementos: o agressor, o agredido e o grupo que é conivente. “A conversa caminhou para a compreensão de que uma pessoa pode estar em mais de uma dessas posições ao longo da vida. A partir daí, analisamos como fortalecer o jovem caso ele passe por esses episódios”, enfatizou Esther.

Para a educadora, os encontros colocam a escola na posição de escuta atenta e vão além do conteúdo curricular. As reuniões têm apenas duas regras, não falar de temas pessoais e respeitar as ideias apresentadas por todos os participantes. “É importante receber as demandas das famílias. Cada palavra dita por eles importa. Pensamos em como melhorar os processos internos, assim como eles mudam algumas posturas. Isso traz crescimento para todos, familiares e educadores”, explicou.

Saiba mais em:



Por Yuri Marques

O 'Novo Ensino Médio' já ficou velho. Depois de polêmicas, uma série de reclamações de vários atores envolvidos no dia a dia dessa etapa, como educadores, gestores e pais, e um novo ciclo de debates, será reformado mais uma vez e ganhará outro formato a partir do ano que vem. Implementado oficialmente em todo o País em 2022, a partir de uma proposta aprovada ainda em 2017, foi alvo de tantas críticas que o governo federal enviou um projeto de lei para o Congresso, que colaborou com a reestruturação do modelo.

Os pontos de descontentamento foram muitos, mas o principal deles foi a redução da carga horária da formação geral básica, parte do currículo que engloba matérias como português e matemática. A menor carga horária para essas disciplinas abriu espaço para um currículo mais diversificado e flexível, a ser montado de acordo com os interesses dos estudantes.

Mas as dificuldades de implementação desses chamados 'itinerários formativos' logo se revelaram outro grande problema, principalmente na rede pública. Segundo Ivan Gontijo, gerente de Políticas Educacionais da organização Todos Pela Educação, o formato estava ampliando as desigualdades. "Enquanto o aluno de uma escola privada que queria estudar engenharia estava se aprofundando em matemática, o estudante de uma escola pública estava fazendo itinerário sobre como fazer 'bolo de pote'", exemplifica Gontijo, jogando luz em um dos pontos centrais que levaram a uma nova estruturação do ensino médio.

Nova lei

No dia 31 de julho de 2024, foi sancionada a Lei 14.945, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) com as novas orientações para o ensino médio. Na prática, a parte flexível do currículo foi reduzida e a parte que trata da formação geral dos estudantes, ampliada (*veja no quadro*).

A valorização das disciplinas mais tradicionais pretende ajudar a simplificar o planejamento das escolas e inibir soluções curriculares mais dissonantes, que muitas vezes vinham sendo aplicadas com pouca base pedagógica. "Desde a primeira reforma, privilegiamos nossa carga horária de forma a contemplar todos os conteúdos essenciais", afirma André Luiz Palomino Bernardo, diretor-geral do Colégio Palmares, de São Paulo. "Não acreditamos nem seguimos as tentações de componentes curriculares



A carga horária da formação geral básica (que inclui disciplinas como português e matemática) será ampliada para 2.400 horas (80%) a partir de 2025

A reforma sem fim do ensino médio

Os jovens que iniciam essa etapa em 2025 enfrentam mais uma mudança

Entenda as mudanças importantes previstas na lei:



Aumento do número de disciplinas obrigatórias que irão compor a formação geral básica: são português, inglês, artes, educação física, matemática, ciências da natureza (biologia, física, química) e ciências humanas (filosofia, geografia, história e sociologia)



Os itinerários formativos oferecidos como opcionais aos estudantes devem pertencer a uma das quatro grandes áreas de conhecimento: linguagens, matemática, ciências da natureza ou ciências humanas



Cada escola deve disponibilizar, no mínimo, duas opções de itinerários (com exceção das que oferecem ensino técnico)

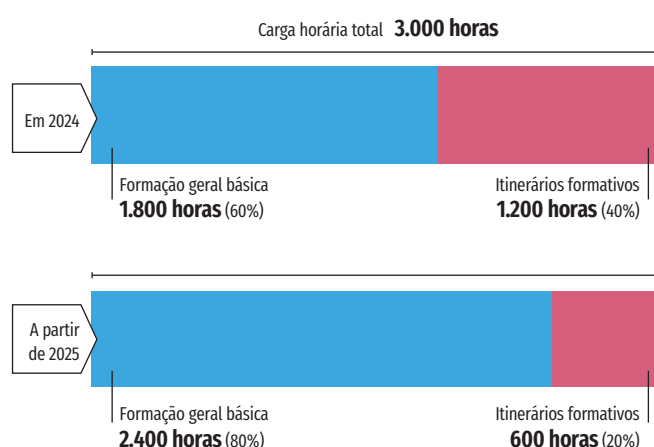


Nas escolas de ensino técnico, a carga da formação geral obrigatória será um pouco menor, 2.100 horas, abrindo mais espaço no currículo para parte de formação técnica (900 horas)

Como fica o novo Enem?

O Enem será ajustado a partir de 2027, quando estarão se formando os alunos que começarem o ensino médio em 2025, com as primeiras turmas que terão as mudanças implementadas. Serão cobrados no exame conteúdos da formação geral básica e dos itinerários formativos. A expectativa é de que cada dia da prova cobre uma parte do currículo.

O 'novo' Novo Ensino Médio



'malucos' ou chamativos. Desta vez, será até mais fácil entregar a matriz curricular em que acreditamos", completa.

Tempo

As novas mudanças foram bem aceitas entre os especialistas em educação. Alguns deles, contudo, alertam que o prazo para implementação, previsto para 2025, é curto. As redes de ensino seguem as diretrizes do Conselho Nacional de Educação, que precisam ser atualizadas primeiro. Em seguida, os Conselhos Estaduais devem adaptá-las ao contexto local e repassá-las às escolas. Só então as instituições poderão colocar essas alterações em vigor. "Não é só mudar a carga horária. As escolas e redes terão que produzir materiais didáticos e investir na formação de professores", alerta Ivan Gontijo, do Todos pela Educação.

Apesar das boas intenções da reforma, a pressão na implementação pode gerar novos problemas para o ensino médio. Para Vivianne Denise Quevedo Stahnke, diretora do Colégio Ulbra, de Palmas, no Tocantins, é importante que a reforma também promova maior uniformidade e um direcionamento claro do que é esperado dos estudantes que estão nessa etapa de formação: "Hoje há muita variação entre escolas e regiões (do País), tanto no conteúdo quanto na nomenclatura. É fundamental que os alunos tenham a mesma base, independentemente de mudarem de escola ou Estado".

Adobe Photos



COLÉGIO VISCONDE DE
Porto Seguro

DESDE 1878



MEU PORTO *Seguro*



AGENDE
SUA VISITA

www.portoseguro.org.br
Morumbi • Panamby • Valinhos

Inglês e Alemão

Formando líderes do futuro com fluência em dois idiomas.

Preparando alunos para o Brasil e o mundo.

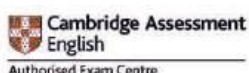
613 Aprovações
em instituições
BRASILEIRAS
122 universidades públicas

Aprovações em 15 países

208 Aprovações em
universidades
no EXTERIOR



Aprovações em 2024



O potencial do ensino técnico

Brasil pode se inspirar em países como Alemanha e Chile para expandir formação que traz altos índices de empregabilidade

Por Isabella Baliana

O Censo Escolar 2023 mostrou que a educação profissional e tecnológica (EPT) foi a área da educação básica com maior crescimento no último ano. Entre 2022 e 2023, as matrículas subiram de 2,1 milhões para 2,4 milhões, um aumento de 12,1%. No entanto, em comparação com países como Alemanha e Chile, o número de brasileiros matriculados ainda é baixo.

Por aqui, apenas 11% dos jovens de 15 a 19 anos estão em programas de educação profissional, enquanto nos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) são 37%. Entre estudantes de 20 a 24 anos, a diferença é maior: 11% no Brasil ante 65% na OCDE,

evidenciando o potencial para aumentar esse engajamento.

Na Alemanha, 89% dos jovens de 15 a 24 anos participam do sistema dual de educação, que combina ensino escolar e experiência profissional. Os estudantes passam 70% do tempo em empresas e 30% em escolas, revela Thorsten Schlich, do Escritório Alemão para Cooperação em Educação e Formação Profissional. Essa integração entre ensino e mercado resulta em alta empregabilidade, com 77% dos estagiários sendo efetivados após a formação. Empresas, instituições e governo garantem essas condições.

O Chile, país mais próximo ao Brasil em desenvolvimento, tem avançado na educação técnica, que é regulamentada



Educação profissional cresceu 12,1%, com 2,4 milhões de matrículas em 2023

por lei, cobrindo 15 setores econômicos e 35 especialidades. Há também um acordo entre setor público e privado para desenvolver políticas e incentivar a colaboração entre governo e sociedade.

Caminho

O Censo Escolar aponta um relativo equilíbrio nas matrículas de educação profissional no Brasil: em 2023, foi 1,34 milhão na rede pública e 1,07 milhão na privada. Esse número pode crescer.

Para Geísa Boaventura, pró-reitora do Instituto Federal Goiano, o grande desafio é a desconexão entre ensino e mercado de trabalho. Ela defende mais políticas que liguem o aprendizado à prática, fortalecendo parcerias entre instituições e o setor produtivo. “Os currículos precisam ser atualizados conforme as demandas sociais, científicas e tecnológicas, e os alunos devem ter acesso a estágios”, afirma. Apesar do desafio, Geísa vê

um caminho. “Universidades e instituições de educação profissional precisam buscar juntas a consolidação dos cursos técnicos no Brasil.”

Oportunidade

O ensino técnico facilita a rápida entrada no mercado de trabalho e oferece melhor retorno financeiro. Um estudo de 2023 do Inspere, em parceria com o Itaú Educação e o Instituto Unibanco, revela que profissionais com formação técnica têm 7,6% mais chances de emprego formal do que os que possuem apenas o ensino médio. Além disso, jovens com formação técnica podem ganhar até 32% mais. “A formação técnica possibilita melhores salários e ocupação de postos que exigem qualificações específicas, inacessíveis a quem tem só o ensino médio”, afirma José Carlos de Sá, reitor do Instituto Federal de Pernambuco.

Leia reportagem completa, com detalhes sobre educação técnica na Alemanha e no Chile



VERACRUZ

Conhecimento Diversidade Respeito

Na Escola Vera Cruz, a prática desses valores constitui uma comunidade escolar com profundo sentido de pertencimento, que vive o que acredita e forma pessoas com coragem para transformar o mundo.

Matrículas abertas:
www.veracruz.edu.br

★ Inglês desde a Educação Infantil

★ Opção de período INTEGRAL



Colégio
**DANTE
ALIGHIERI**

- > Educação Infantil / Ensino Fundamental 1 e 2 / Ensino Médio
- > Currículo internacional italiano (Liceo)
- > Elementary, Middle e High School



CONVITE:

Encontro de CONHECIMENTO

Um momento para você conhecer o Dante de pertinho e viver a experiência de ser recebido por uma equipe acolhedora e atenta, em uma estrutura moderna traduzida em conforto, aconchego e lazer, com inúmeras possibilidades de aprendizagem.



VENHA!

Esperamos você!



Mais informações:

ingresso@cda.colegiodante.com.br
(11) 3179-4400 Ramais 4116, 4117, 4159 e 4161
www.colegiodante.com.br

Educação contra o bullying

Com práticas que incentivam conscientização e empatia, exemplos mostram que é possível combater preconceitos e construir ambientes inclusivos nas escolas. Mas precisamos avançar



Cibele Barreto

Camilla Araujo se preocupou em matricular o filho Maurício, de 13 anos, em uma escola acolhedora

Por Heloísa Costa

Em 2023, a empresária Camilla Araujo se surpreendeu com o filho, Maurício, 13 anos: ele contou à mãe que uma colega de classe era alvo de bullying e racismo e, enquanto relatava as violências que ela vinha sofrendo na escola, não teve dúvidas em nomear o que estava testemunhando. O espanto de Camilla aconteceu, justamente, por notar que o garoto expunha o caso de modo certo, mobilizando conceitos bem definidos e identificando os acontecimentos como inaceitáveis. A mãe de Maurício avisou a instituição de ensino, que agiu rapidamente com a ajuda de uma psicóloga, conta. “A escola interferiu diretamente, tanto com o agressor quanto com a agredida. Houve um trabalho com os dois, com a sala inteira e com a comunidade escolar, conscientizando os estudantes e suas famílias”, explica a mãe do adolescente.

Esse exercício de nomear emoções e sentimentos é algo que no Colégio Ofélia Fonseca, onde o adolescente estuda, é feito desde as séries iniciais. “É importante identificar, classificar e distinguir o que acontece”, pontua Wylma Ferraz, orientadora educacional dos ensinos infantil e fundamental 1 do Ofélia. A cruzada contra o bullying e intolerâncias das mais diferentes naturezas, porém, está só no início quando se nomeia um preconceito, garante. Constatado o problema, é preciso agir.

Mas a escola atua também na prevenção. Uma das atividades organizadas pela instituição para promover diálogos e a construção coletiva de conhecimento entre alunos, pais e professores se chama Manhãs de Convivência e é realizada um sábado por mês. É um espaço de reflexão e de acolhimento para os temas atuais que aparecem não

apenas no dia a dia do colégio, mas que são observados em toda a sociedade de hoje.

Acompanhamento

A preocupação de encontrar uma escola que acolhesse todos, inclusive seu filho, que é negro, levou Camilla a matricular o filho no Ofélia Fonseca no meio da pandemia, em 2021. O currículo da escola onde Maurício estudava antes era voltado quase que exclusivamente para o conteúdo das disciplinas curriculares, sem espaço para uma formação mais crítica e diversa. “Onde ele estudava antes, era matéria, matéria, matéria e acabou. E havia ainda incômodos como quando alguém perguntava ao Maurício se eu sou a mãe dele”, lembra Camilla, que é branca.

No então novo ambiente, o menino passou a ter um acompanhamento próximo por parte de uma rede interessada em conhecê-lo, tra-

balhar suas aptidões e qualidades e, de quebra, ajudá-lo com algumas dificuldades que surgissem no decorrer do processo de aprendizagem. Com o fim das aulas online e a volta à escola, o adolescente sentiu que o novo colégio era um lugar seguro para ser quem realmente é, sem receio de julgamentos. “Agora ele está mais à vontade, com orgulho de si, tanto que quer fazer tranças no cabelo, o que me deixa muito feliz. Isso é resultado da nossa atuação enquanto família em parceria com a escola”, analisa Camilla.

Diversidade

Em 1996, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação foi incluído um artigo que tornou obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas. Algumas instituições

de ensino criaram comissões antirracistas, reforçando seu compromisso com o letramento social e a diversidade da comunidade docente e discente. “Passamos, inclusive, a questionar o currículo escolar, os materiais didáticos e chegamos à tarefa de repensar a biblioteca”, afirma Luis Massagardi, coordenador das séries finais do ensino fundamental 2, do ensino médio e da Comissão Antirracista do Ofélia. Desse movimento, notaram a necessidade de aumentar a oferta de livros de autoria de escritores negros, priorizando, assim, compras de obras que colaborem com essa meta. Outras leituras da história, outras narrativas literárias, outras referências valorizadas.

As realizações da Comissão Antirracista incluíram ainda visita à exposição em homenagem à professora Lélia Gonzalez (intelectual e ativista nos estudos de raça e gênero, 1935-1994), a palestras que estimulem educadores, educandos e familiares a compreender noções fundamentais para uma educação plural.

“Fora essas dinâmicas, estamos atentos aos processos seletivos do colégio, buscando abrir oportunidades”, ressalta Massagardi. Constrói-se a procura constante, dessa maneira, por ações que contribuam para o crescimento de pessoas com senso crítico, de coletividade e pertencimento, capazes de, como Maurício, nomearem não apenas violências, mas também as expressões de suas identidades.

Compromisso no currículo, e na prática

Por Giovana Pastori

Segundo um estudo de 2023, feito pelo Geledés e Instituto Alana, apenas 58% dos municípios pesquisados adaptaram seus currículos de acordo com a legislação vigente, que tornou o ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira obrigatório. Para Andréa Lopes, socióloga e professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), há uma dificuldade em aplicar esse ensino como um conhecimento transversal e não somente com ações em datas comemorativas.

O impacto da intolerância na escola

Por Giovana Pastori e Heloísa Costa

Mesmo sendo um lugar de aprendizado e inclusão, a escola não está imune a um problema que vai na contramão de seus valores: a intolerância. No cotidiano escolar, o preconceito, o bullying e a discriminação são algumas de suas manifestações. A intolerância é o ato de não aceitar ou respeitar ideias e comportamentos diferentes, motivada por fatores como raça, religião, gênero, orientação sexual, cultura ou política.

No Brasil, esse é um tema preocupante. Um exemplo é o aumento da intolerância religiosa, com 2.124 violações de direitos humanos em 2023, um crescimento de 80% em relação ao ano anterior, segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.

Outro tipo de intolerância que, infelizmente, permanece muito frequente entre nós é o racismo. Ele permeia todas as esferas da sociedade, incluindo as escolas. No ano passado, um levantamento do Instituto de Referência Negra



No ambiente escolar, o bullying e a discriminação são algumas das manifestações da intolerância

Peregum (Ipec) e do Projeto Seta mostrou que o ambiente escolar está no topo da lista de locais onde os brasileiros mais sofrem violência racial. Entre 2 mil entrevistados no levantamento, 38% aponta-

ram a escola ou a faculdade como espaços onde sofrem ou já sofreram racismo.

As estatísticas se tornaram realidade para Ana Laura Paulato, de 13 anos, estudante de Bauru, interior de São Paulo.

Sua avó, Janete Aparecida da Silva, ainda lembra o que a neta sofreu na escola quando ainda era criança: “Ela começou a ficar triste, mas não falava o que era. Até que eu peguei ela com uma bucha esfregando o braço

com força e perguntei por que ela estava fazendo aquilo. Ela disse que tinham uns meninos na escola que a chamavam de bruxa, de cabelo de bombril e de preta. Chorando, ela falou: “Vó, eu não quero ser dessa cor, se eu esfregar bastante será que sai?”.

Na sala de aula

No Colégio Ofélia Fonseca, Wylma Ferraz, orientadora do ensino infantil e fundamental 1, propôs a seguinte atividade: “Escrevemos coisas ruins em uma folha de papel, amassamos e passamos para o próximo. Depois, falamos coisas boas e desamassamos. Mas, por mais que esticássemos, o papel não voltava a ser o mesmo. Isso mostra que o que causamos ao outro deixa marcas”.

Com essa dinâmica, Wylma usa o lúdico para abordar assuntos como traumas, respeito e responsabilidade, tornando o aprendizado mais significativo. Essa abordagem guia o ensino da escola, conectando relações humanas aos conteúdos tradicionais das disciplinas.

Colégio FAAP

Ensino Médio com Estrutura de Centro Universitário

- Bolsa de 20% em qualquer curso de Graduação FAAP
- 100% de bolsa no curso de Inglês da Alumni
- Entrada e pátio exclusivos para alunos do Colégio FAAP

faap.br/colégio



Sofia Ribas da Cunha Melo
Aluna do Colégio FAAP

Ensino Médio → 2025

Colégio
FAAP

Quando a violência entra na sala de aula

Resolução de conflitos demanda maior colaboração entre escolas, famílias e professores

Por Ana Beatriz Paiva

Entre as várias questões que o Brasil enfrenta para melhorar o nível de qualidade das suas escolas, uma tem despertado cada vez mais a atenção entre os educadores e a preocupação das famílias: a violência. De acordo com dados do Disque 100, canal ligado ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, as denúncias sobre violência em instituições de ensino cresceram cerca de 50% entre 2022 e 2023. Foram mais de 9.500 ocorrências, envolvendo intimidação e agressões sofridas por alunos, professores ou funcionários.

Se na relação entre os estudantes a prática do bullying é o que causa mais preocupação (leia mais nas pág. 10 e 11), entre alunos e professores há o desafio de manter o relacionamento saudável dentro e fora da sala de aula, prática fundamental para que a escola realmente seja um lugar de aprendizagem e crescimento. Segundo a pesquisa Violência nas Escolas, realizada pela Associação Nova Escola e pelo Instituto Ame sua Mente, em 2022, que ouviu cerca de 3 mil professores, seis em cada dez entrevistados já enxergavam um aumento na agressividade dos alunos contra docentes e funcionários em relação ao estudo realizado no ano anterior.

O que é?

A violência no ambiente escolar se manifesta de diversas formas e pode ser a reprodução de outras violências que ultrapassam os muros da instituição de ensino, aponta Fernanda Pontes, chefe da coordenação de orientação educacional e pedagógica do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. “Muitas vezes, a única ferramenta que o estudante tem para lidar com o desconforto é o protesto, manifestado por meio de atos de indisciplina”, explica. Problemas familiares, que podem passar por questões de relacionamento e de falta de diálogo entre pais e filhos, podem ter reflexo no dia a dia das escolas.

O cenário é complexo, afirma Claudia Sartori Zaclis, diretora pedagógica do Colégio Santo Américo, em São Paulo. Segundo a educado-



Adobe Photos

Denúncias de violência em escolas cresceram 50% entre 2022 e 2023, segundo o Disque 100

Pais e escola: juntos na construção de um ambiente saudável



Acompanhar o progresso escolar de perto: Ir além das reuniões formais e buscar entender as dificuldades e conquistas do aluno. É importante que a parceria com os professores seja ativa e contínua.



Construir um ambiente de respeito e diálogo: A formação de valores como responsabilidade e empatia acontece em todos os ambientes, inclusive em casa e na escola. Pais e filhos podem praticar juntos esses princípios no dia a dia.



Dar o exemplo em momentos de conflito: Em vez de apenas ensinar, mostre como lidar com frustrações e desafios de forma construtiva, sem recorrer a reações impulsivas.



Fortalecer a confiança: Criar um espaço seguro para que a criança ou jovem compartilhe sentimentos e experiências, sem medo de julgamentos, é uma medida que pode transformar a comunicação entre pais e filhos.

ra, o uso excessivo de redes sociais pelos jovens também tem um papel importante nessa crescente agressividade. “O acesso precoce a conteúdos inadequados exerce uma influência significativa no comportamento dos alunos”, afirma. E essa superexposição também tem um importante papel no aumento dos casos de ansiedade, estresse e depressão entre crianças e jovens, completa.

Nova perspectiva

Além de estreitar a relação com os pais, escolas que lidam com o tema de forma mais atenta veem os conflitos como oportunidades de aprendizado e crescimento. “Da mesma forma que planejamos (as aulas de) português, matemática, artes, também precisamos planejar de forma intencional, regular e preventiva a convivência na escola”, diz Adriana de Melo Ramos, pós-doutora na formação de professores pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Parte desse planejamento pode focar uma construção proativa, ouvindo as crianças e jovens da instituição. “Quanto mais os estudantes se envolvem com o ambiente escolar e participam da criação das regras de convivência, mais se sentem motivados a respeitá-las”, complementa Fernanda Pontes, do Colégio Pedro II. E esse olhar mais atento não pode deixar de lado a observação da saúde mental de alunos, mas também a de professores. “A falta de apoio psicológico contínuo, tanto dentro de casa quanto na escola, pode tornar ainda mais difícil lidar com sintomas de ansiedade, estresse e agressividade”, diz Alessandra Samaan, gerente pedagógica do sistema de ensino Positivo.

Todas as iniciativas em busca de um ambiente escolar mais saudável não podem ser confundidas com um silenciamento das vozes de crianças e adolescentes, explica Adriana Ramos, da Unicamp: “Queremos um ambiente onde haja respeito mútuo. A ideia de disciplina não significa ter alunos mudos e calados, como se o silêncio fosse sinônimo de aprendizado, o que não é verdade. O problema real é a algazarra, a desordem e a violência”.

“Precisamos planejar a convivência na escola com a mesma intencionalidade e regularidade das disciplinas acadêmicas”

Adriana Ramos, pós-doutora na formação de professores pela Unicamp

uma escola completa em todos os sentidos

Em um ambiente global de aprendizagem, que favorece o protagonismo de crianças e adolescentes, oferecemos uma formação de excelência, com foco na preparação para os vestibulares, experiências internacionais, orientação educacional e incentivo à promoção do bem-estar físico e emocional. Do Berçário ao Ensino Médio, nossa essência está em preparar o aluno para realizar todos os seus sonhos.



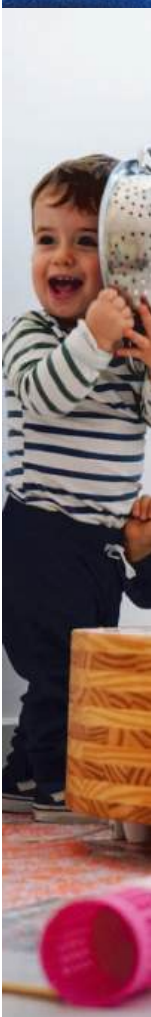
mais que bilíngue,
internacional

- Parceria com a University of Missouri;
- Mizzou Academy Dual Diplomal Program (Magno High School) e Mizzou Global Scholars;
- Diploma válido nos EUA e intercâmbios;
- College Counseling: mentoria para aplicações em universidades no exterior.

189 APROVAÇÕES NOS PRINCIPAIS VESTIBULARES
9 APROVAÇÕES INTERNACIONAIS



tem uma
ESCOLA COMPLETA
aqui!



/COLEGIOMAGNO



Google for Education
Escolas de Referência

COLEGIO
Magno
Mágico de **Oz**



Foto Marko Ribeiro/Colégio Pentágono/Divulgação



Alunas do sétimo ano, Eduarda (à esquerda) e Arantzazu compartilham forte conexão com os livros

Como engajar no papel?

Na era digital, escolas e famílias lidam com o desafio de motivar alunos acostumados a conteúdos rápidos em telas, reforçando a importância dos livros na formação de leitores

Por Adriana Moreira

Focada principalmente no público jovem, a Bienal do Livro de São Paulo de 2024 comemorou o recorde de visitantes, ao mesmo tempo que as editoras participantes celebraram o aumento nas vendas. Por outro lado, a pesquisa Tic Kids Online Brasil, divulgada no fim do ano passado, aponta que 95% das crianças e dos adolescentes de 9 a 17 anos se conectam à internet, a maioria em dispositivos móveis. Tudo isso enquanto se debate sobre a proibição dos celulares nas escolas. Mas será que, quando se trata de estímulo à leitura, esses mundos precisam estar desconectados?

Giselly Lima de Moraes, professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e especialista em literatura infantil digital, afirma que “um meio reforça o outro”, mas adverte sobre a necessidade de cautela. Ela destaca que o digital e o impresso são formas de leitura diferentes e não substituem um ao outro, e que a mediação de pais, professores e escolas é fundamental para garantir que as crianças tenham acesso a melhores opções de conteúdo.

Jozimeire Stocco, diretora-geral do Colégio Stocco, em



Foto Colégio Stocco/Divulgação

No Colégio Stocco, as bibliotecas têm ambientes ajustados para cada faixa etária

Santo André, com doutorado em Educação, acredita que o analógico e o digital são inseparáveis no aprendizado, mas requerem “organização”. A escola usa tablets a partir do segundo ano do ensino fundamental, mas proíbe o uso de celulares em aula. E investe em bibliotecas com ambientes ajustados para cada faixa etária, tornando a leitura mais atrativa.

Conexões

Priscila Campanholo, gestora de Língua Portuguesa do Colégio Pentágono, em São Paulo, também destaca a importância da mediação na leitura. Ela afirma que a escola busca criar situações que per-

mitam às crianças estabelecer uma conexão com o que leem, refletindo sobre como recebem a obra e o que sentem ao ler ou ouvir uma narrativa.

Eduarda Saltori Greco, de 12 anos, e Arantzazu Begoña Aguirrezabal Bagnara, de 13, alunas do 7º ano do Pentágono, de São Paulo, compartilham uma forte conexão com os livros. “Parece que entramos na história, as palavras descrevem sentimentos que os filmes não conseguem”, diz Eduarda. Arantzazu concorda, afirmando que o livro *Extraordinário* é muito melhor do que o filme.

Tanto Eduarda quanto Arantzazu dizem que são influenciadas pelas amigas, com

quem trocam dicas de livros. “Acabei me interessando por gêneros que eu não gostava”, comenta Eduarda. Arantzazu, que sempre gostou de ler, relata que, ao ganhar seu primeiro celular aos 10 anos, passou um tempo longe dos livros: “A gente esquece que tem outras coisas além do celular”. Porém, ela retomou o hábito de leitura e hoje usa o celular de maneira diferente, principalmente para jogar ou pesquisar palavras desconhecidas.

Integração

Bruna Toni, professora de história em escolas públicas e privadas, defende que a literatura deve ser trabalhada de forma integrada com outras disciplinas, e não apenas como uma obrigação nas aulas de português, “mas isso exige tempo e apoio aos professores para desenvolver algo mais elaborado”.

Ela lembra que, ao lecionar teatro para turmas de diferentes idades, propôs que os alunos criassem seus próprios roteiros para as peças. Para os mais jovens, sugeriu que trouxessem seus livros favoritos, compartilhassem as histórias e votassem na que gostariam de encenar. “Eles se envolveram no processo e deu muito certo. Até hoje comentam sobre esse projeto.”

No Colégio Pentágono, Priscila conta sobre um projeto que envolve a leitura de jornais impressos. “Um aluno ficou surpreso ao encontrar uma reportagem sobre caminhos para a cura do câncer, algo que ele não estava buscando, mas que o jornal lhe ofereceu”, diz. “É uma experiência de leitura que rompe com as limitações impostas pelo mundo digital.”

Inspirações

Além da escola, o exemplo dos pais como leitores é fundamental para estimular o hábito nas crianças. “As escolas precisam desenvolver projetos de leitura que envolvam toda a comunidade escolar, incluindo funcionários e pais”, diz Bruna Toni. “Crianças e jovens se inspiram no que somos e fazemos. Se queremos causar impacto, o projeto deve ir além dos alunos.”

Para Silvia Adrião, diretora pedagógica da Escola AB Sabin, de São Paulo, “o livro é o material mais revolucionário que a humanidade já inventou, e isso ainda nos impacta. Nossa forma de aprender não mudou, o que mudou foram os meios”. Ela reforça a importância de expor as crianças à literatura desde cedo. Jozimeire Stocco concorda, afirmando que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, por isso é fundamental instigar essa leitura muito antes que as crianças saibam ler”.

10 livros que fazem sucesso com as crianças, segundo Silvia Adrião

“Com Qual Penteadado Eu Vou?”

- Kiusam de Oliveira

“Amoras” - Emicida

“Falando Tupi” - Yaguarê Yamã

“Kabá Darebu” - Daniel

Munduruku

“Todas as Pessoas Contam” -

Kristin Roskifle

“Onda” - Susy Lee

“Personagens Encantados”

- Ingrid Biesemeyer

Bellinghausen

“Bocejo” - Ilan Brenman

“O Rapto da Vitória-Régia” -

Renata Adrião D'Angelo

“Chapeuzinho Amarelo” -

Chico Buarque

An **inspired** school

Globalmente brasileira, bilíngue e em tempo integral.



Excelência Acadêmica

- Rigor acadêmico em programa brasileiro e internacional.
- Imersão e fluência em inglês por meio de currículos mundialmente reconhecidos.
- Admissão nas melhores universidades: USP, FGV, UNICAMP, Harvard, Yale, Oxford, King's College, entre outras.



Criatividade

- Instalações e ecossistemas que estimulam a interação criativa.
- Entrepreneurship, Language Arts, Creative Tech, Arts, Music, Drama e Programação no nosso currículo central.



Cidadania Global

- Interação com uma rede de mais de 85.000 alunos.
- Oportunidade de intercâmbios & Summer Camps em 110 escolas do Inspired Group em 24 países.



Inteligência Socioemocional

- Metodologia ativa e personalizada para a construção do pensamento analítico.
- Laboratório de Inteligência de Vida e Public Speaking, assegurando olhar intencional para o desenvolvimento global do estudante. Incentivo ao esporte, liderança, confiança, disciplina, resiliência e colaboração por meio de Physical Education, Competitive Sports & Dance e After School Programmes.

Matrículas Abertas

A PARTIR DO INFANTIL III



Agende uma visita

escolaeleva.com.br

**R. JOSÉ ANTÔNIO COELHO, 819
VILA MARIANA**



**ESCOLA
Eleva**

SÃO PAULO

Por Vanessa Fajardo

Embora compartilhem características, como aulas em duas línguas e certificação dupla, as escolas internacionais e bilíngues têm propostas distintas. As internacionais seguem o sistema de ensino de outros países. Mesmo instaladas no Brasil, obedecem às diretrizes curriculares e ao calendário de suas nações de origem. Já as escolas bilíngues adotam o currículo nacional, incorporando a língua estrangeira em parte dele. Ambas têm como objetivo desenvolver a fluência em outro idioma, além do português. Além disso, geralmente oferecem programas que preparam e facilitam o acesso dos alunos ao ensino superior no exterior.

Na Maple Bear, rede bilíngue que adota um currículo com conteúdos desenvolvidos por educadores brasileiros e canadenses, os alunos podem fazer intercâmbio no Canadá durante as férias ou cursar parte do ensino médio no país. Ao concluir a educação básica, o estudante recebe certificação tanto do Brasil quanto da província canadense de Nova Brunswick.

Em julho deste ano, Ana Carolina Moya, de 15 anos, aluna do 9º ano da Maple Bear de Porto Velho (RO), viveu essa experiência em Toronto. O intercâmbio incluiu visitas e pesquisas em universidades canadenses, além de um acampamento em “cabanas de madeira, longe da cidade, em uma espécie de floresta”, como ela define. “Voltei com a certeza de que quero fazer faculdade no Canadá. Gosto de falar e escrever redações em inglês, gosto do frio. Minha vida mudou, porque antes nem pensava sobre a possibilidade de estudar fora”, conta Ana Carolina.

A dentista Giovanna Moya, mãe de Ana Carolina, explica que a escolha pelo colégio bilíngue foi para que a filha tivesse contato com o inglês de forma “natural e tranquila”. Hoje, o idioma já faz parte da rotina da casa, com séries, filmes sem legenda e livros. “Notamos grande evolução no vocabulário da Ana Carolina”, afirma. Giovanna também valoriza a proposta pedagógica da escola, que estimula uma análise crítica e o respeito a diferentes opiniões. “Esperamos que ela use o aprendizado, o inglês e o convívio em sociedade para realizar seus sonhos e viver em harmonia.”

Cérebro bilíngue

A divisão da carga horária do segundo idioma varia conforme o projeto pedagógico de cada escola. Na Maple Bear, a partir do 1º ano do

Educação bilíngue vai além do idioma

Instituições oferecem currículos que integram cultura, ciência e tecnologia, preparando alunos para intercâmbios, acesso ao ensino médio e superior no exterior e demais desafios globais



Educação bilíngue abre novas possibilidades para estudantes



Ana Carolina fez intercâmbio em Toronto, no Canadá

ensino fundamental, as disciplinas são ministradas metade em português e metade em inglês. Já na Escola Eleva, essa divisão ocorre a partir do 6º ano.

Segundo Adriana Kac, diretora acadêmica do Grupo Inspired, é possível que o aluno aprenda inglês, mesmo dividindo a atenção com aulas em português. “Ainda existe a falsa ideia de que é necessário estudar um idioma de cada vez. A neurociência mostra que o cérebro bilíngue é mais sofisticado e facilita o aprendizado simultâneo das duas línguas.”

A pesquisadora Maria Célia

Lima-Hernandes, professora titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), reforça os benefícios do bilinguismo. Ela explica que, quanto mais cedo a criança tem acesso a esse tipo de projeto, mais vantagens obtém, embora não haja uma idade certa para começar. “O contato com uma língua adicional cria uma flexibilidade cognitiva enorme, facilitando o aprendizado de outros idiomas e oferecendo diversas vantagens.”

Uma dica para fazer a criança “pegar gosto” em aprender uma língua adicional é oferecer intercâmbios

e ambientes de imersão que privilegiam o lúdico. “É uma questão de tempo para que a criança reconheça o valor e o bem a que tem acesso em um colégio bilíngue. Saber línguas abre possibilidades enormes no mundo, faz com que a mente se expanda, fora as oportunidades de socializar e conhecer pessoas”, diz Maria Célia.

Cultura brasileira

Escolas internacionais, por representarem outros países, costumam estar imersas nas culturas e tradições desses locais. Mas há variações nos modelos. A Avenues,

que nasceu em Nova York e chegou a São Paulo em 2018, combina abordagens, sem deixar de valorizar as tradições brasileiras.

“As crianças são alfabetizadas primeiro em inglês, mas também nos dedicamos ao português e à cultura brasileira. Queremos que nossos alunos usem ambas as línguas em todos os contextos do dia a dia”, explica Connie Dayller, diretora de Admissões da Avenues.

Com 75% do currículo em inglês, a Avenues segue o calendário do Hemisfério Norte, começando o ano letivo em agosto. No entanto, mantém celebrações brasileiras importantes, como a festa junina.

A valorização da cultura brasileira também é central na Escola Cidade Jardim PlayPen. A diretora-geral, Soraiá Dale-Harris, explica que as famílias buscam o bilinguismo para ampliar os horizontes das crianças, mas se orgulham de sua identidade brasileira. “São pessoas que trabalham no Brasil e acreditam nele, mas entendem que o mundo é maior do que nossas fronteiras.”

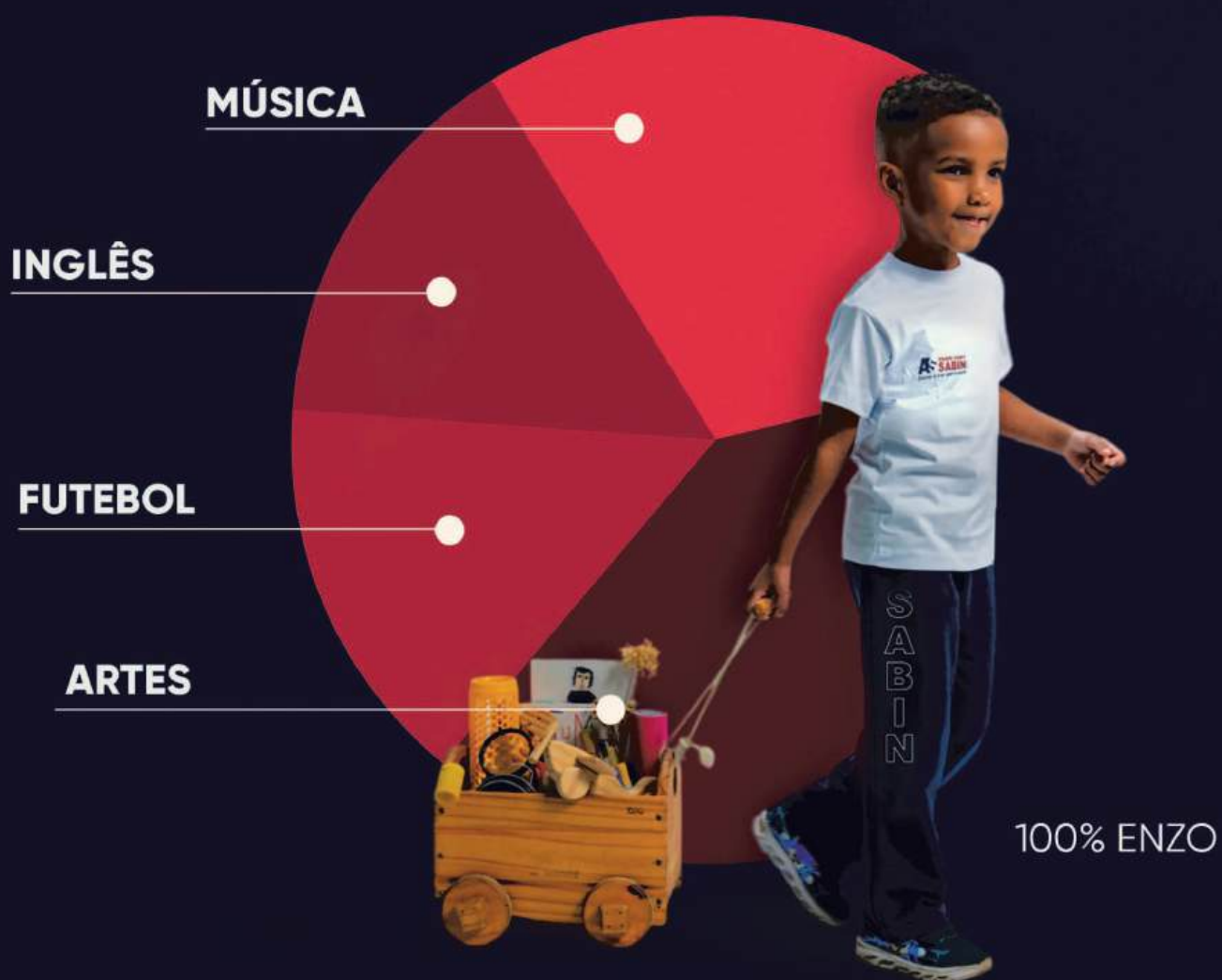
Saiba mais sobre como identificar e como escolher uma escola bilíngue



SABIN, O COLÉGIO COM

1.000 oportunidades para

**descobrir
seu 100%**



**Excelência acadêmica,
esportiva e cultural.**

**Venha nos
conhecer!**



**AS COLÉGIO ALBERT
SABIN**
Ensinar é criar oportunidades

📍 Av. Darcy Reis, 1901
🌐 www.albertsabin.com.br
📷 @colalbertsabin

Por Nathalia Molina

O conteúdo escolar clássico, por si só, não enfrenta os desafios do século 21. Com mudanças na sociedade, crise climática e avanço tecnológico, o futuro exige competências como flexibilidade, pensamento crítico e resolução de problemas. Para desenvolver essas habilidades, os colégios mudaram a forma de abordar as disciplinas tradicionais, criaram outras e adotaram projetos.

“Todas essas competências precisam estar inseridas de forma transversal, da educação infantil ao ensino médio. Projetos e disciplinas são momentos marcados que garantem: aqui sei que estamos trabalhando a empatia, aqui a criatividade”, explica Cristina Godoi, diretora-geral dos colégios Albert Sabin, Vital Brazil e AB Sabin, de São Paulo.

Foi assim que a construção de um carrinho acabou ensinando mais do que cálculo a três alunos no médio do Vital Brazil. Antes de chegar ao protótipo, o trio conheceu a dura vida de moradores de rua em São Paulo, soube que o Brasil recicla muito alumínio, considerou modelos de distribuição e propôs soluções para a carrocinha guardar sucatas e servir de abrigo à noite.

“A gente fez pesquisas de campo e trabalhos manuais para o carrinho em escala reduzida”, diz João Henrique Colombo Vidal, que dividiu o projeto com Vinicius Correia Pereira e Tomas Amaral de Souza Lima. Mas foi a empatia um dos maiores aprendizados. “Pude ver a felicidade dos catadores quando propusemos a ideia. Isso me ajudou nas minhas relações. Tive um choque de realidade. Você começa a ter outra visão do mundo”, lembra Vinicius.

Como tudo o que se aprende na escola, as competências do futuro precisam ser reforçadas. “Pesquisas recentes nos contam que são parte de um desenvolvimento, assim como aprender história e geografia. É necessário expor, valorizar, sinalizar, expor de novo. Ao longo de anos de escolaridade, quanto mais o aluno vivencia situações que fomentem essas habilidades, mais vai chegar no final com elas conhecidas”, afirma Cristina.

Mudança estrutural

Na última década, a educação básica foi transformada pela nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pela reforma do ensino médio. Hoje, as habilidades combinam aspectos cognitivos, interpessoais e intrapessoais. “As competências mais exigidas incluem leitura crítica, posicionamento



Roda de conversa com 3º ano do fundamental no Colégio Humboldt

Competências para o futuro

Escolas criam disciplinas para desenvolver habilidades essenciais no século 21, como resolução de problemas, flexibilidade e empatia

Foto Bárbara Aline Silva dos Santos/Colégio Vital Brazil/Divulgação



Autores do projeto da carrocinha, no Colégio Vital Brazil: João Henrique (à esquerda) e Vinicius Correia Pereira

diante da realidade e capacidade de resolver problemas, superando desafios e colaborando com flexibilidade”, afirma Erik Hörner, diretor brasileiro do Colégio Humboldt, de São Paulo.

A escola alemã adota assembleias de classe e rodas de conversa na educação básica. “Essas atividades ensinam os alunos a se comunicar, lidar com frustrações e entender que o desejo individual nem sempre prevalece sobre os interesses coletivos,

reforçando a importância da resiliência”, diz Hörner.

Ele explica que esses ensinamentos permeiam todas as disciplinas. “Não adianta o aluno aprender a resolver conflitos na assembleia e não saber aplicá-los em outro contexto.” A intenção é que o estudante possa levar essas habilidades para a vida.

No Colégio Franciscano Pio XII, um problema cotidiano no ensino médio foi a poluição ambiental causada pelos carros. “Com eletricidade,

a pegada ecológica é menor do que em outros métodos de energia. Também é preciso considerar o custo-benefício: rodar duas horas custa um décimo do que um chuveiro elétrico gasta”, compara Enzo Fonseca Maiorano Pereira, aluno do 1º ano que participou da iniciativa.

Para discutir alternativas, a turma aprendeu sobre circuitos elétricos e planejamento para projetar um veículo movido por energia sustentável. Outro ponto importante,

segundo Enzo, foi trabalhar em um grupo heterogêneo. “A classe tem alunos do 1º, 2º e 3º ano, então não ficamos só entre amigos. As empresas valorizam a capacidade de trabalhar com pessoas diferentes.”

Olho no mercado

O preparo para o mercado também preocupa Cristiane Maria Barra da Matta, mãe de Rafael, aluno do 2º ano do ensino médio do Colégio Marista Arquidiocesano, de São Paulo. “Hoje, profissionais são contratados pela capacidade técnica, mas demitidos por falhas nas habilidades socioemocionais”, conta.

A escola também fomenta as competências a partir da educação infantil. No Projeto de Investigação, as crianças investem em pesquisa, debate e síntese sobre um tema. “Inspirada pelos Jogos Paralímpicos, uma turma fez um passeio no entorno do colégio para verificar a acessibilidade e o tempo dos sinais”, conta Everson Caleff Ramos, diretor-geral.

Aspectos como autoconhecimento e consciência corporal, no combate ao bullying, são abordados em Interioridade, disciplina criada no fundamental 2. No ensino médio, a nova Future Skills alia habilidades humanas (negociação e ética) a digitais (programação e inteligência artificial). Para acomodar as mudanças de conteúdo, o Arquidiocesano investiu em salas makers, mais verdes nas áreas externas e ateliês de arte. “Acreditamos que os espaços físicos também formam os sujeitos. Precisamos de ambientes que instiguem e criem pertencimento”, diz Ramos.

Na escola o dia inteiro

Esportes, artes e tecnologia aparecem nos currículos das instituições de ensino que oferecem o ensino integral; escolas buscam equilibrá-los com as obrigações acadêmicas dos alunos

Por Diego Brito

O processo de educação e aprendizagem não acontece apenas em sala de aula e vai além das atividades realizadas com apostilas, cadernos, tablets e livros, principalmente quando os alunos passam o dia em escolas que disponibilizam educação integral. São as chamadas atividades extracurriculares, aquelas que geralmente são realizadas no contraturno e que deixam a rotina do estudante mais dinâmica e interessante, ajudando a aumentar o período de permanência dos alunos na escola.

O colégio Anglo Leonardo da Vinci, de São Paulo, oferece, desde a educação infantil até o 9º ano do ensino fundamental, aulas de música, teatro, artes visuais, balé, jazz, circo, futebol, natação, judô,

vôlei e esportes de aventura.

A diretora pedagógica da unidade, Adriana Gobbo, explica que as atividades extracurriculares ajudam no desenvolvimento de habilidades socioemocionais como liderança, empatia e trabalho em equipe, e que seus benefícios são indiscutíveis. “Os alunos aprendem a gerenciar melhor o tempo, tornando-se mais autônomos e disciplinados. Isso resulta em estudantes mais engajados, com uma visão mais ampla do mundo e preparados para enfrentar desafios diversos”, explica.

A psicopedagoga Bianca Haddad, da PUC-RJ, afirma que investir nessas atividades que vão além do currículo obrigatório é um passo importante na preparação dos jovens para a vida. “Eles



Adobe Photos

A importância do esporte

É essencial que os jovens escolham atividades extracurriculares que gostem e deem prazer, mas o esporte é sempre uma boa pedida. A Sociedade Brasileira de Pediatria recomenda que crianças e adolescentes de 6 a 19 anos de idade façam pelo menos 60 minutos diários de atividades físicas de intensidade moderada a vigorosa (que são aquelas que fazem a respiração acelerar e o coração bater mais rápido). Os benefícios para a saúde são inúmeros: menor risco de obesidade, diabetes, hipertensão, ansiedade, depressão e insônia, entre outros.

aprendem a se comunicar, a respeitar as diferenças e a colaborar. Essas experiências incentivam a empatia e a liderança, pois os alunos têm a oportunidade de expressar suas opiniões e trabalhar juntos em projetos.” Além disso, engajar os estudantes em atividades culturais e esportivas fora da sala de aula traz ganhos também para seu desenvolvimento motor e neurológico.

Implementação

Especialistas afirmam que um dos maiores desafios enfrentados pelas escolas ao implementar o ensino integral é equilibrar as demandas acadêmicas e extracurriculares, e assim garantir que ambos contribuam para o crescimento dos alunos sem sobrecarregá-los. “Há também a necessidade de adaptação constante às novas demandas dos alunos e às mudanças sociais. Além disso, manter uma equipe multidisciplinar qualificada para oferecer tanto ensino acadêmico quanto atividades extracurriculares de alta qualidade é fundamental, mas tem a sua complexidade”, explica a diretora Adriana Gobbo.

Tecnologia
LEARN BEM-
PLAY ESTAR
MÃO NA
MASSA

INTERNACIONAL
EXCELENCIA ACADÊMICA
CURIOSIDADE
FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO
BRINCADEIRAS
Parceria com as famílias
CO
INTERAÇÃO
CRIATIVIDADE

Aprendendo e fazendo história

PENTÁGONO. COMPLETO POR TODOS OS LADOS.

Ser feliz na escola
SOCIABILIDADE

Agende sua visita
colegiopentagono.com

@colegio.pentagono
Unidades Alphaville,
Morumbi e Perdizes

Colégio
Pentágono

Educação infantil

O **Wordwall** traz várias atividades interativas para crianças a partir de 3 anos, como quebra-cabeças, jogos de memória, adivinhações de formas geométricas, contagem de números, etc. Essas atividades ajudam a desenvolver habilidades cognitivas fundamentais, como reconhecimento de formas, cores, letras e números. Esse material pode ser utilizado de forma online ou baixado para impressão, com o uso sempre mediado pelo professor.

Ensino fundamental – anos iniciais

O **Scratch Jr** foi projetado para alunos de 5 a 7 anos. Ele introduz conceitos básicos de programação de forma visual e lúdica, permitindo que as crianças criem suas próprias histórias interativas e jogos simples. Usando blocos coloridos de programação, os estudantes podem fazer personagens se mover, pular, dançar e cantar. O app promove o pensamento criativo, o raciocínio lógico e a resolução de problemas de maneira divertida.

Ensino fundamental – anos finais

O **Tinkercad** permite que os alunos criem, visualizem e manipulem modelos tridimensionais em 3D, usando blocos básicos de geometria, o que ajuda no aprendizado de conceitos de espaço, proporção e design. Também oferece atividades com simulação de circuitos eletrônicos, projetos de codificação e programação de microcontroladores.







Aplicativos educativos: aliados da aprendizagem

Conheça cinco ferramentas digitais que ajudam estudantes a desenvolver habilidades

Por Patrícia Giuffrida

Existem vários apps educativos que podem ser usados como aliados para complementar o aprendizado em sala de aula, ajudando a desenvolver habilidades específicas em cada fase da vida escolar. Aqui, apresentamos cinco opções sugeridas por Bruno Alvarez, vice-diretor de Inovações Pedagógicas do Colégio Pentágono, de São Paulo.

Ensino médio

O **GeoGebra** combina conceitos de geometria, álgebra, gráficos, cálculos e estatística. Pode ser usado nas aulas de matemática tanto para demonstrações do docente em sala de aula quanto para roteiros de estudo, pois o próprio aluno pode fazer suas construções.

O **Padlet** é outro aplicativo que pode ser usado no ensino médio. Funciona como um mural virtual colaborativo. Permite que os estudantes criem e compartilhem conteúdo em tempo real, organizando informações em formato de posts. Pode ser utilizado para brainstorming, trabalhos em grupo e apresentações interativas.

Atenção ao tempo de telas

De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), o tempo de exposição a celulares, tablets e computadores deve variar conforme a idade, preservando o desenvolvimento saudável de crianças e jovens:

Até 2 anos:
evitar totalmente o uso de telas.

De 2 a 5 anos:
no máximo 1 hora por dia.

De 6 a 10 anos:
até 2 horas diárias,
incluindo videogames.

De 11 a 18 anos:
limite de 3 horas por dia para
todas as atividades em telas.







Anglo Leonardo da Vinci

Vem aí!

Mais uma Unidade da 5ª melhor ESCOLA do estado de São Paulo

Ranking ENEM 2023


Unidade JARDINS

Conheça nosso Programa integral bilingue


Agende uma visita





